



**INCORPORAÇÕES DO MÉTODO PAULO FREIRE NO CONTEXTO DE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO POPULAR: ADAPTAÇÕES E TRANSGRESSÕES NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO**

**Maria Clarisse Vieira<sup>1</sup>, Hugo Antonini de Sousa<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, GENPEX –UNB,

E-mail: [mariacclarissev@gmail.com](mailto:mariacclarissev@gmail.com), <sup>2</sup>Pedagogo, GENPEX-UNB, E-mail:

[hugoantonini@gmail.com](mailto:hugoantonini@gmail.com)

**EIXO TEMÁTICO: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**RESUMO**

Este artigo busca problematizar a inserção de um Programa do Governo Federal no trabalho de alfabetização do Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá e Itapoã (CEDEP), particularmente, os desafios enfrentados na prática alfabetizadora do movimento popular, a partir da implementação do DF Alfabetizado, no ano de 2011. Para tanto, o trabalho contextualiza a concepção de alfabetização construída historicamente no Paranoá (DF) junto ao CEDEP e examina os desafios enfrentados na prática alfabetizadora por meio da voz de duas alfabetizadoras. As entrevistas foram realizadas, no primeiro semestre de 2014, a duas alfabetizadoras do Centro que possuem diferentes inserções e experiências no campo da alfabetização e educação popular. As entrevistas tinham, dentre outros objetivos compreender as incorporações do chamado “Método Paulo Freire” no contexto do movimento popular, considerando que o programa DF alfabetizado, ao ser implantado em 2011 no DF adota tal perspectiva como modelo a ser difundido nas diferentes iniciativas de alfabetização.

No entanto, para compreender a problematização discutida nesse trabalho, faz-se necessário situar o contexto de surgimento das iniciativas de alfabetização na cidade do Paranoá, pois as mesmas relacionam-se ao contexto de luta pela fixação na terra. A alfabetização de adultos da cidade do Paranoá nasce num contexto de Situação problema-desafio (REIS, 2000), no qual os sujeitos populares articulam a luta pela alfabetização e escolaridade, a lutas mais amplas e coletivas, que tocam em questões profundas de sobrevivência e subsistência, fazendo frente ao contexto de exploração capitalista que vigora em nossa sociedade. Historicamente, as iniciativas de educação popular no DF estão relacionadas à construção da capital brasileira. No final da década de 1950, desembarca no DF uma grande quantidade de trabalhadores oriundos de todas as regiões do Brasil e principalmente da região Nordeste. Estes trabalhadores, em sua maioria analfabetos, chegam em busca de trabalho e melhores condições de vida. A história da alfabetização de adultos no Paranoá tem início quando um pequeno grupo de operários que trabalhavam na construção da barragem do Lago Paranoá fixa moradia neste local, após o término dos seus serviços. Passado algum tempo eles trazem suas



família, além de outras pessoas que vêm em busca de melhores oportunidades. Porém ao chegarem aqui se deparam com condições similares às deixadas na terra natal. Desde o início da fixação, a alfabetização de jovens e adultos era importante demanda dos movimentos sociais. No entanto, a Secretaria de Educação, à época, resistia em ofertar cursos de alfabetização naquela comunidade com receio de desencadear uma ação que legitimasse a fixação do Paranoá. Os integrantes do CEDEP - organização criada em 1987 para fortalecer as demandas educativas - não desistem da busca e procuram a Universidade de Brasília, especificamente a Faculdade de Educação, onde recebem o apoio necessário ao início de suas atividades de alfabetização. (REIS, 2000). Os integrantes do CEDEP ressaltam uma condição e desafio a alfabetização de adultos ser desenvolvida: “ensinar a ler, escrever, calcular, conhecendo, discutindo e participando da solução dos problemas vividos pelos moradores do Paranoá” (REIS, 2000, p. 3). Desafio que é aceito pela UnB, que alavanca a constituição do Projeto Paranoá de Alfabetização e Formação de Alfabetizadores (as) Jovens e Adultos de camadas populares, uma parceria da UnB com o CEDEP. Inicia-se, a partir desse momento, os contornos de uma proposta de alfabetização que tem como base teórica inicial, sobretudo os estudos de Paulo Freire e Emília Ferreira e posteriormente incorpora as contribuições de Vigostky, Bakhtin, Marx e Engels, na perspectiva sociocultural. Como decorrência desse processo, em 2000, é criado o GENPEX (Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais), que vem atuando na graduação e pós-graduação, por meio da formação de quadros de professores, pesquisadores e educadores populares.

Um dos grandes diferenciais do processo de alfabetização desenvolvido com o CEDEP é o acolhimento, a “amorosidade” (REIS, 2011) com que as alfabetizandas e alfabetizandos são tratados. Parte-se do pressuposto que quando se atua com pessoas as quais foi negado algo tão essencial como o acesso a própria língua escrita, quer seja por motivos financeiros ou por falta de acesso, trabalha-se com pessoas excluídas de várias formas e que não têm como habitual tal acolhimento. Ser acolhido no processo de alfabetização garante o bem estar do educando e conseqüentemente a permanência do mesmo no ambiente educativo.

Para que esses alfabetizandos, moradores do Paranoá e Itapoã, possam ter voz, vez e decisão, primeiramente é necessário que eles percebam que não são sujeitos que nada sabem (REIS, 2011), condição na qual eles mesmos se descrevem quando buscam ou são levados à alfabetização. É necessário que eles se vejam como protagonistas de suas próprias histórias e que vejam como isso é de fundamental importância. Para isso, no trabalho de alfabetização, o material didático utilizado em sala de aula é o texto coletivo. O texto coletivo é construído por meio das falas dos alfabetizandos ao debaterem sobre a situação-problema-desafio elencada para o trabalho durante a semana. É com esse texto que são trabalhadas as diversas linguagens (língua portuguesa, matemática, geografia, história e ciências).



Ao longo dos anos, o CEDEP construiu a sua prática alfabetizadora contando com o apoio do trabalho voluntário de educadores populares. Em determinados momentos, foi apoiado financeiramente por alguns programas governamentais que promoviam trabalhos ligados à educação de jovens e adultos, tais como o “Alfabetização Solidária”, criado no governo de Fernando Henrique Cardoso e o DF Alfabetizado do atual governo do Distrito Federal. Este último programa tem sua origem no Programa Federal Brasil Alfabetizado, iniciado em 2003, pelo governo Luís Inácio Lula da Silva. No entanto, o DF aderiu a este programa somente em 2011, quando o Partido dos Trabalhadores assume o governo do Distrito Federal.

Ao analisar as vozes das alfabetizadoras por meio das entrevistas, constata-se nas suas falas ressalvas em relação ao programa, principalmente no que tange à práxis da alfabetização, o que mostra por parte das educadoras a compreensão que a alfabetização de jovens e adultos não pode continuar sendo feita sem qualquer tipo de apoio por parte do Estado. Embora os idealizadores do Brasil alfabetizado local preconizem a intencionalidade de utilizar o método silábico numa perspectiva libertadora, transformadora e emancipadora, tal qual Paulo Freire propõe, Magda Soares afirma que identificar Paulo Freire com um método de alfabetização e até, mais especificamente, com um método de alfabetização de adultos é uma incorreção e uma redução.” (Soares, 1998). Segundo ela, o trabalho que Paulo Freire elabora e descreve em seus livros não pode ser chamado de método no sentido restrito que essa palavra tem no vocabulário pedagógico. Para ela, Freire criou não um método, mas uma teoria da educação, uma pedagogia, e o que se denomina como seu "método de alfabetização" é, na verdade, apenas uma das instâncias em que essa teoria, essa pedagogia se traduzem em uma prática.(SOARES, 1998).

A despeito da imposição de um método pretensamente orientado pelas teorias de Paulo Freire, as educadoras entrevistadas não abrem mão dos quatro eixos da alfabetização desenvolvidos historicamente pelo GENPEX e CEDEP, gerando no chão da prática alfabetizadora acomodações, reapropriações do “método” e transgressões. É nesse confronto de concepções em torno do processo de alfabetização e dos métodos de ensino e aquisição da leitura e escrita, que essa pesquisa reafirma a necessidade de autonomia pedagógica e curricular construída pelo movimento social com destaque a manutenção dos quatro pilares de sustentação da práxis pedagógica: a amorosidade, a situação problema-desafio, o fórum e o texto coletivo.

**Palavras-chave:** educação transformadora. Alfabetização de jovens e adultos. Políticas públicas, Paulo Freire

## REFERÊNCIAS

REIS, Renato Hilário A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas: Autores Associados, 2011.



**ALFAEJA**  
**II Encontro Internacional de Alfabetização  
e Educação de Jovens e Adultos**

SOARES, Magda. Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método. REVISTA PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte, v. 4, n. 21, p. 98-104, 1998.